Onde nasceu
Hospital Distrital, onde hoje é o Hospital de Base

Origem familiar
Rio de Janeiro

Lembrança de infância:
Guerra de mamona, que rolavam nos descampados do Cruzeiro

O que gosta em Brasília:
Da Praça dos Três Poderes: "É um cenário lindo, inteligente e moderno para a época em que foi projetada"

Daniel Ferreira/CB

ELIAS DAMIÃO, NA OFICINA ONDE TRABALHA: MORADOR DO NÚCLEO BANDEIRANTE, AMA O CRUZEIRO, ONDE CRESCEU

Um "carioca" do CRUZEIRO

Elias Damião fala com o sotaque típico dos moradores do Rio e quis ser mecânico a partir dos 14 anos, quando visitava a garagem do ministério onde o pai trabalhava

LÍGIA MARIA LOPES
DA EQUIPE DO **CORREIO**

Uma vida marcada por camaradagem, sorrisos, bons amigos, família, pagode e churrasco. A felicidade do mecânico Elias Damião Cavalcanti, o Marreco, 36 anos, é um mosaico das coisas mais singelas que o mundo pode oferecer. Talvez por isso ele não faça cerimônia ao falar do próprio contentamento e com a simplicidade de um menino confesse: "A vida me deu tudo e não há nada que me falte ou que eu queira fazer de novo", conta.

Diz a sabedoria popular que as aparências enganam. Nada mais acertado no caso de Marreco, que fala com chiado e tem voz mansa e rouca. Quem o ouve, logo pensa se tratar de um carioca. Mas o mecânico é brasiliense, da gema. Elias nasceu no Plano Piloto. Mas cresceu no bairro mais carioca da capital federal, o Cruzeiro. Foi ali que fez os verdadeiros amigos, dos quais nunca se separou. Com eles cresceu jogando partidas de pelada, correndo pelos descampados, festejando — sem motivo — nas rodas de samba, que eram acompanhadas por churrasquinho. Suas lembranças, sempre "boas demais", remetem a uma história de liberdade, inocência e espírito de união.

Longe de casa, bons amigos são também uma grande família. A antiga quadra 43 era formada apenas por servidores públicos, que trabalhavam nas mesmas repartições e dividiam problemas do dia-a-dia. Por isso, faziam questão de se confraternizarem. Todo fim de ano, peregrinavam pelos endereços, para provar uma receita nova e desejar votos. Ao fim da noite, acabavam a festa no meio da rua, as quais "nunca terminava antes das 8h da manhã", lembra. A falta de dinheiro jamais foi impedimento para essas celebrações. "As famílias tinham uma renda apertada e viviam uma vida simples, mas todo mundo se ajudava", observa.

O aprendizado do ofício veio cedo. O pai, motorista aposentado de um ministério, levava o menino de 14 anos para a garagem do órgão público. Lá, ele assistia ao espetáculo de montar e desmontar carros, trocar peças, desamassar, pintar. Curioso, Marreco não cansava de observar e perguntar, até que, na juventude, começou a mexer no carro dos amigos. A turma era formada por 18 jovens, entre 16, 17 e 18 anos. E o carango da galera, comprada com a dificuldade de quem começa a vida, sempre precisava de manutenção. Por isso, ninguém saía para farra sem levar Elias, que sempre tinha que reparar os carros no fim da noite. O tempo passou e o mecânico da turma casou. Hoje tem dois filhos, brasilienses como ele — o que lhe enche de orgulho.

A boa qualidade de vida é o que Marreco mais gosta em Brasília. E o clima de interior, o que mais o agrada no Cruzeiro. Por isso, lamenta o crescimento urbano, a especulação do mercado imobiliário, o incremento no preço dos imóveis. Fatores que o empurraram para longe do bairro onde cresceu e desfrutou da paisagem natural, do convívio com os amigos, do clima de família suburbana. Hoje, mora no Núcleo Bandeirante. Mas é no Cruzeiro que ainda trabalha, atendendo os velhos amigos e outros conquistados mais recentemente. "Ser uma pessoa de confiança é a primeira qualidade de um bom mecânico", observa o homem, que entende de amizade e credibilidade como poucos.